

MENOTTI DEL PICCHIA

*SOB O SIGNO  
DE POLÍMNIA*

269-5  
3317

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO



## PÁTRIA E BANDEIRA

*Oração proferida no Rotary Club da Capital Federal.*

**N**o dilúculo inaugural da vida a criatura em luta contra o meio teve por pátria apenas o território humano da sua carne. Sua bandeira foi sua cabeleira ao vento.

O resto era o caos de um mundo todo mistério, dentro do qual cada nova fome interposta em seu caminho erguia uma nova e errante fronteira armada de dentes ou de clava, animal em caça, troglodita em batalha.

O bem da solidariedade foi alargando a área defensiva e benfazeja e o grupo tribal já demarcava o território instável no qual, com suas correrias, ia instilando substância humana e história, cristalizando o sentido de identificação à paisagem. Havia um instintivo germinar de pátria no pouso do nômade o qual sentia, ao contato da terra, o bem do repouso e a paz da segurança. Pátria, no início, foi o amoroso sentido de tranqüilidade a êsse misterioso apossar-se da alma do homem que as coisas familiares vão operando ao

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
340	11/5/60



revelar a sua sêde de descobrimento, a magia das coisas ocultas no chão e a graça das coisas reveladas ao sol e, para a sublime fuga rumo do inconfinado, a enigmática beleza noturna das estrêlas.

Nesse início, o sentido de pátria se revelou melhor entre a criatura sôlta na terra e o mundo circundante, a pedir uma simbiose das fôrças telúricas com a alma dos homens, porque a terra sôbre a qual a horda, a tribo, o grupo humano já solidário e consciente foram-se fixando, estabeleceu uma vinculação transcendental com quem abriu nela o sulco para receber a semente da primeira planta ou ofertou o metal destinado a fundir-se na primeira arma.

O nexó social e, depois, jurídico que definiu um grupo de homens secretando, com seu convívio, a consciência de viverem juntos, surgiu também da terra onde o homem deitara raízes, integrando-se, assim, chão e criatura, numa entidade ideal que é a um tempo geografia, humanidade e história. Ainda mais: lenta elaboração de uma entidade "sui generis" que pode prescindir da unidade racial e que pode até viver sem território, como por tantos séculos viveu Israel, a pátria disseminada e errante do povo proscrito, como vive e tantas vêzes viveu a Polônia, mártir subjugada mas não vencida.

Por que pátria, coisa ideal de tão difícil definição, possui tão formidável substância? Quando se fala de uma pátria, por mais complexa que seja a variedade étnica do seu povo, a estranheza da sua estrutura geopolítica, referimo-nos a algo mais identificável pelo

sentimento do que pelos critérios da razão. E' que pátria — tão diferente de Nação, de País e de Estado — é algo ideal e transcendente, uma coisa viva que está presente até na articulação específica de um idioma, num recorte paisagístico ou num fragmento de história.

Se falarmos na epopéia das descobertas que levaram a audácia lusa ao Brasil e a Cipango, falaremos mais da "pátria" portuguesa que pròpriamente de Portugal, uma vez que todo êsse heroísmo, como um valor ideal, ficou incorporado indissolúvelmente ao patrimônio nacional da gente lusitana, embora o vasto império se dissolvesse nas valorosas mãos dos seus criadores. Pátria é, pois, continuidade ideal de todo o esforço de criação de um povo. No fundo, é cristalização de amor formando um clima, envolvendo as gerações, impregnando-as da mesma história, jungindo-as a idênticos interesses, investindo cada patricio do direito à sua riqueza espiritual feita pela epopéia dos seus fundadores, pelo trabalho dos seus obreiros, pela bravura dos seus soldados, pelo estoicismo dos seus mártires, pela criação dos seus artistas, pelo gênio dos seus estadistas, por tudo o que foi contribuição coletiva e individual, bem que se tornou comum, tesouro que entre todos se reparte e que a todos cabe defender, soma de cultura e de progresso que é motivo de orgulho e de glória. A pátria é assim tão maternal que se dá igualmente a cada filho, conferindo a cada um dêles a posse espiritual e integral de todo seu patrimônio. E' por isso que, quando um de nós exclama: "Sou brasileiro",



insere nessa afirmação o orgulho de saber que heróis mateiros, com suas entradas, rasgaram com os pés as fronteiras territoriais de uma das maiores nações do universo. E aflorará no seu espírito a vaidade de pertencer a uma pátria que não precisou engendrar uma teogonia, como o fizeram os gregos, para explicar, com prodígios de deuses e de heróis oriundos do mito, o que entre nós fez apenas a espantosa bravura de homens. Um Raposo soma um Jasão e um Proteu com suas caminhadas e com sua ubiqüidade no vasto continente. Anhanguera, incendiando as águas dos rios, realiza prodígios na selva, tal qual o imaginário Wotan arrancando com sua lança o fogo que cerca a valquíria. Feliz pátria que não precisa engendrar um Olimpo para explicar sua própria grandeza! Pátria, assim, é uma unidade inconsútil dada tôda a cada um para uso integral dos seus nexos sociais e jurídicos, para gozo da sua riqueza cultural e da graça dos seus panoramas, sobretudo para expansão da própria alma no confinamento dos seus ideais totalmente vivos e presentes na sua história e nas suas memórias.

E' que, se a Nação tipifica o Cidadão, e o Estado regula e assegura os direitos, a Pátria torna comum o passado histórico e a paisagem familiar feita de terra maternal e de estrêlas propícias, e assegura ao crente a taumaturgia dos seus santos, mais próximos que os dos céus forasteiros como mediadores entre as nuvens e a terra. E a consciência de que seus alicerces foram amassados com sangue e com lágrimas, vincula cada patricio à sua comunidade, criando uma liturgia de

memórias que eternizam os que morreram e transferem, aos vivos, seus ideais e suas virtudes. Pátria é, assim, uma vinculação espiritual indissolúvel que sobrestá à efemeridade das leis, às vicissitudes da estrutura territorial, à efêmera vivência das gerações, para se tornar o fluir contínuo de uma força histórica, impregnada de um "pathos" específico, de um módulo humano condicionando o comportamento de um povo.

No desdobrar do tempo sempre mais se alargaram as fronteiras espirituais do seu conceito. Do egoísmo instintivo do primeiro homem; da defesa estreita do interesse da tribo; da estruturação jurídica do grupo para assegurar garantias morais e econômicas, o conceito de pátria vem evoluindo e alargando rumo de uma generosa concepção mais universal, compreendendo, finalmente, o homem, que sua verdadeira pátria é a terra que, em última essência, não há "cidadãos" mas "criaturas humanas". A pregação milenária do Cristo proclamando o amor de uns pelos outros, denunciava a identidade fraternal de tôda a humanidade e o homem vai deixando de ser o "hostis" ou o "lupus", na aceitação conceitual de "um mundo só" que a ciência e a técnica unificam com a instantânea comunicação do pensamento e com a elisão fulmínea das distâncias.

Um novo conceito de pátria surge, justo e moderno, na hora em que a posição do homem frente ao mundo se desloca para se ver nêle, não o súdito ou o cidadão apenas, mas o detentor de uma parcela idêntica de dignidade humana e de liberdade. As limitações convencionais desarticulam suas tessituras e as



fronteiras geográficas se desarmam como barreiras hirtas e guerreiras para se esfumarem no traço ideal de uma demarcação móvel confinando cada grupo humano dentro de uma área física, não para adensar ali um complexo de interesses hostis aos demais povos, mas para processar o generoso e coletivo esforço de elevação moral, tornando-se assim coletivo e harmônico o trabalho de toda a humanidade em função do supremo ideal de aperfeiçoar sempre mais as formas comuns da própria cultura.

A revelação dessa verdade transmuda todos os antigos critérios que regiam as relações entre os povos e as discriminações raciais; a gélida hostilidade ao metequê; a agressiva xenofobia dissociante e os rígidos egoísmos nacionalistas se desfazem para dar lugar a um fluxo de amor que a todos desarma e confraterniza. Pátria passa a ter um conceito ainda mais nobre e mais largo quando se torna a fraterna união de um grupo humano localizado em determinado ponto do globo, processando uma obra de contínua superação do próprio ideal, procurando oferecer aos outros grupos nacionais uma realização mais perfeita da tarefa que lhe cabe nesse trabalho comum de todo o gênero humano.

Dentro dêsse espírito, as fronteiras de todas as nações se tornam fluidas e móveis e vão, num dado instante, inserir-se conjuntamente no mesmo meridiano ou no mesmo paralelo onde esse ideal comum foi vilipendiado ou ferido. Nessa hora, uma superpátria — que é a própria humanidade realizando seus destinos — se superpõe, unificando os povos e, como símbolo

dessa fusão, flutua sobre eles uma nova e comum bandeira: a bandeira das Nações Unidas.

\* \* \*

A linguagem instintiva e ecumênica do homem se articula na impressiva sugestão dos símbolos. O mito e o símbolo cristalizam as forças fundamentais das sociedades porque adensam, na síntese das imagens gráficas ou mentais, complexos do grupo, convenções, núdulos sentimentais de memórias. Toda a heráldica é um idioma simbólico que fala pelas côres e pelos desenhos dos brasões com palavras de escudetes, de quinas, de besantes, de castelos, de leopardos e de estrêlas. A historiografia se faz grafismo:

*“...pinta no branco escudo ufano  
que agora esta vitória certifica  
cinco escudos azuis esclarecidos  
em sinal destes cinco reis vencidos”. (1)*

A bandeira é, pois, a síntese simbólica da pátria na convenção cromática das suas côres e na linguagem alegórica dos seus símbolos. Seu pano é a verônica de um povo. Quando sobe para o tópo de um mastro, parece que terra e gente, história e futuro, são guindados para mais perto das estrêlas para que num pequeno símbolo se concentre, aos olhos de todos, o conteúdo humano de uma pátria.

---

1) CAMÕES — *Lusiadas*; estrofe 52, canto III



Nossa bandeira, única no mundo na sua forma, com seu losango amarelo em campo verde, é bem um retrato da terra e da gente brasileiras. Nasceu com a independência, por obra do Rei Cavaleiro, em 1822, já trazia nas suas côres o verde que tipificava os estandartes dos hirsutos lanceiros do Condado Portucalense, remontando, talvez, às hostes de Viriato, para lançar seu grito verde no pendão de Nun'Alvares, no dia milagroso de Aljubarrota. Esse verde deveria ainda flutuar, entre o verde das ramagens do sertão bruto, no pano da bandeira da tropa de Fernão Dias Paes Leme, o Governador das Esmeraldas, o fatalizado caçador das pedras verdes. Verdes haviam sido as ondas que embalarão a caravela cabralina na ensolarada manhã da descoberta e verde era toda a nação nessa madrugada feita de verdes florestas ainda intangidas, dando a impressão, esse verde, de que toda a terra se vestisse de esperança.

O amarelo tem sua raiz histórica nos castelos dourados que, desde a conquista do Algarve, apareceram no pavilhão lusitano. Essa é a nota ancestral, mas o amarelo da bandeira é sobretudo o ouro do nosso sol, o metal que refulgiu nas minas do Sabará e na mítica Sabarussu, o contraste lucilante entre os reverberos da luz tropical e o verde úmido das matas.

Verde e amarelo são duas côres familiares que logo falam à nossa alma. E o azul da esfera rasga no pavilhão pátrio um pedaço de céu destinado a fazer cintilar nêlo as cinco estrêlas da mais bela das constelações dos trópicos cercada, simbolicamente, pelo

colar das outras dezessete estrêlas. Cada um desses astros é a incrustação de uma jóia heráldica no escrínio sagrado da bandeira. E' a bravura do gaúcho fronteiriço pondo no horizonte a ponta aguda da sua lança errante, patrulhando, no pampa, a mesma terra que, lá no alto, junto do Oiapoque ou nos alcantis da serra Pacaráima, no tórrido inferno equatorial, outros irmãos defendem com igual decisão de mantê-la íntegra como a recebemos dos nossos maiores. Passado e presente se somam nessas estrêlas, pois elas são símbolos do trabalho e do amor dos filhos de todos os Estados: a faina dos homens dos canaviais e dos cacauzeiros que outrora, com Vidal de Negreiros, Camarão e Henrique Dias devolveram às suas Hansas os flibusteiros de Nassau; o esforço dos homens da cultura do café que espremeram os bagos de sangue do arbusto de Palheta para robustecer e vitalizar a economia nacional; os homens das minas, dos seringais, das caatingas, enfim, esse mundo inquieto, cinemático e colorido que forma a comunidade dos nossos irmãos construindo todos, como por um milagre e para espanto das gentes, na mais larga faixa territorial desta parte da América, a maior democracia de que há notícia nos trópicos.

Aí está o que significa essa bandeira. Sua visão nos exalta e nos entenece. Transferida para hoje, nesta casa, o dia do seu culto, aqui estamos, reverentes e comovidos, para ratificar o juramento que na alma de cada brasileiro foi feito com caráter irrevogável; tudo daremos, alma e corpo, por aquilo que exprime a Bandeira do Brasil.



## MARÍLIA E DIRCEU

*Discurso pronunciado na praça de Vila Rica, na procissão noturna que conduziu para junto da urna funerária de Tomaz Antônio Gonzaga os restos mortais de Maria Dorotéia de Seixas, a suave Marília de Dirceu.*

NESTE instante a alma de Minas ascende ao píncaro mais alto das suas montanhas — porque seu amor às estrélas aqui soergueu o chão da Pátria à suprema altitude -- e convoca o Brasil para êste fatalizado encontro:

“Brasileiros do norte adusto, filhos do sol; homens do litoral que contemplais as ondas atlânticas; caboclos imersos na floresta verde vigiando os contrafortes dos Andes; patricios do sul, irmãos de todos os quadrantes da nossa terra, parai todo movimento e contemplai o encantamento desta noite. Que um sagrado silêncio se faça para que se ouça o rítmico ruído dêsses passos. É a Procissão da Profecia, a que realiza as Núpcias na Morte:

Depois que nos ferir a mão da morte  
ou seja neste monte ou noutra serra,  
nossos corpos terão, terão a sorte  
de consumir os dois a mesma terra.



Mas quem são êstes sêres fantasmas que aqui acorrem evocados pela fascinação dêste rito, um trazendo ao pescoço um baraço e na frente uma auréola de glória, outros erguendo os pulsos arroxeados pelas algemas e faiscando nos olhos o fulgor dos predestinados? Trazem a clâmide dos mártires e os louros dos heróis. Ao sortilégio desta noite sentem-se vinculados pelo sonho e pelo sofrimento. São as testemunhas do funéreo esponsalício como o foram, há séculos, do terrestre noivado.

Olhai o novo milagre: a cidade se transmuda. Pelo feitiço da evocação revivemos uma noite de 1792, quando atroavam os céus do mundo os gritos libertários que desmantelavam as Bastilhas e repetiam pelas esquinas de Vila Rica a senha: "Liberta quae sera tamen".

Operou-se o prodígio: os grandes dramas são intemporais. Sua carga passional é tão forte que anula o tempo, desmonta a realidade presente para viver a realidade maior, a que é um marco numa raça, um instante eterno numa história. Aqui se alinham os cidadãos do tempo. Responderão ao apêlo, os amados e os odiados, porque a esta urna sagrada os conclama e os vincula a um destino.

Continuam os prodígios! Ronda alada, revoam em tórno da irmã morta etéreos vultos femininos, tão fluidos que se diriam plasmados na carne musical de um verso. São as grandes amorosas cujos dramas enterneceram a raça. São as criaturas ideais concebidas pelos poetas para mostrar como ama a gente brasileira.

Esta é Moema, a que morreu de amor na onda verde. Esta é Iracema, cujo coração sangrou de paixão à flechada do olhar do guerreiro branco. Esta é Inocência que lembra, na sua candura, aquêlê alvo nenúfar que foi Cordélia, alma pura e agreste que se apagou na sombra como o lamento aromal de uma flor que se pisa. Esta é Marília!

Marília! Tôda a ternura brasileira estremece à evocação da amada de Dirceu porque a grande amorosa foi carne e foi sangue, embora como Iracema e Moema, possa ser apenas poesia. Tôda a sentimentalidade da raça tem um frêmito à evocação do seu drama, amor que inspirou um artista, que deu grandeza a um mártir e que foi irredutivelmente fiel a si mesmo. Nesta noiva do destino não se sabe quem foi mais nobre e mais alta, se Maria Dorotéia ligada por sua paixão a Tomaz Antônio Gonzaga, se Marília, a bela, o arquétipo lírico de Dirceu apaixonado.

\* \* \*

Celebramos o rito do amor que venceu o destino. Arrancamos do reino da morte a Noiva que sempre esperou pelo Amado. Êste é um instante de ressurreição, tanto pode a fôrça de um coração que continuou a palpitar de amor dentro da morte.

Estas cinzas são uma vida feita ânsia. Nossa caminhada, nesta noite, sob as estrêlas de Vila Rica, é a marcha augural de um noivado. Cada passo por estas ruas alcantiladas nos traz o pranto de uma memória. Ê tão carregada de fatalidade e de drama que mais



parece uma "via crucis" esponsalícia que a festa nupcial de uma bôda...

Aqui está o Solar de Antônio Dias. Um som de cravo traduz numa "bergerette" de Martini os sonhos ingênuos de uma jovem quase menina. Agora, neste parque de Luiz Antônio Saião, o levantar do pano da shakespeariana tragédia: a donzela-criança ferida por uma sua rival, uma rosa, socorrida pelo galante ouvidor, inaugura entre um sorriso e uma gota de sangue, o mais profundo e fatalizado drama de amor da nossa terra...

E depois? Depois, o milagre lírico. A paixão que se transforma em versos. A certeza do namorado de eternizar o nome da amada:

"Se encontrares louvada uma beleza  
Marília, não lhe invejes a ventura,  
que tens quem leve à mais remota idade  
a tua formosura".

Depois? Depois aquêlê clima de conspiração e de ansiedade, um misturar de pátria livre ao anseio de vencer a oposição paterna, porque o amor de Maria Dorotéia com Tomaz Gonzaga foi sempre uma batalha, um adiar de ventura, um vencer de oposições criadas, como em tôdas as grandes tragédias, por fôrças humanas e divinas.

Depois! Depois o Brasil todo o sabe: Judas se esgueirando pelas vielas de Vila Rica. O Embuçado levando a fatídica advertência à noiva fatalizada. O passo crebro das patrulhas noturnas na caça dos patriotas. A masmorra, a sombra do carrasco pairando

sôbre a cidade. O lento apodrecer do corpo e do sonho algemado entre lages. O exílio, a África comburente e mortal. Enfim: a orgia do poder despótico ensangüentando e esmagando nosso mais belo ideal de liberdade!

\* \* \*

Mas o amor venceu a morte. Venceu essa coisa ainda mais erosiva e negadora que a morte: o amor venceu o tempo! O monstro abstrato, que apaga para sempre o acontecimento com o nada da desmemória não deixando resíduo nas coisas fungíveis porque, afinal, eternidade é apenas pensamento, nada pôde contra Marília, nada pôde contra Dirceu. Tão grande, puro e trágico foi seu idílio que êle se fundiu em termos de eternidade.

Exilado para Pedras de Angola o ouvidor infidente, Marília deixou arder tôda sua morta vida na anelante espera consumindo-se como uma vela acesa junto de um mar noturno, pronta para iluminar a volta do ausente amado. O destino separou seus corpos com a vastidão do oceano: Moçambique e Vila Rica.

Mas as cinzas dos amantes eram vivas. Levedava nelas a ânsia de um sonho inconcluído num noivado desfeito. Pelos versos de Gonzaga êsse amor falava às gerações, varava os séculos, tornava-se um clamor, o clamor da sua alma, da alma de Marília e se transformou no clamor sentimental do povo brasileiro. Cada resíduo mortal dêsses corpos amados e separados, forçava a realização da profecia do poeta, a justiça de "consumirem os dois a mesma terra". Era mister apro-



ximar seus despojos. A dor da separação dos mortos pareceu a todos mais angustiante que a separação dos vivos. Então um poeta, fazendo-se porta voz da alma brasileira, sugeriu a transferência dos restos de Gonzaga daquela África distante para as familiares montanhas de Minas. Agora um governador artista, Clóvis Salgado, que reata a tradição fidalga de Dom Rodrigo José de Meneses, promove, num rito ao qual todo o Brasil espiritualmente assiste, esta cerimônia que nos enche o coração de uma emoção que sufoca e que nos põe nos olhos esta poeira de lágrimas.

\* \* \*

Estrêlas do Brasil! Vós que do alto, na vossa glória imutável, fostes as testemunhas dos amôres de Dirceu e de Marília, assistindo, ridentes, ao mais belo romance de amor das terras brasileiras, sede hoje luminosas madrinhas deste casamento. Há de por certo haver júbilo no céu por ver desfazer-se na terra a secular angústia desta ânsia. A dor da separação de tão nobres amantes foi mais dura na longa morte que na curta vida.

Mais de um século e meio, do reino da sombra, através de um oceano, os noivos fatídicos se chamavam. Quem atravessasse esse mar sentiria, a certa altura, o coração trespassar-se por uma obscura angústia: era o apêlo de Dirceu clamando por Marília, era o amor imortal de Marília esperando seu Dirceu...

Nesta cerimônia esponsalícia a que acorreram, da sua glória, os companheiros Inconfidentes, vêem êles,

completados, com esta união, seus dois grandes sonhos: a Independência da Pátria para a qual deram o sangue e o esponsalício de Gonzaga com Maria Dorotéia, ao qual deram o melhor do seu amor. Não é uma boda de espetros que celebramos esta noite. E' a integração do mais belo sonho de amor da própria alma brasileira.



## ARGENTINA E BRASIL

*Recebendo, no recinto da Câmara Federal, em nome do Parlamento, o Presidente da República Argentina General Pedro Aramburu.*

**É** do rito democrático abriremos de par em par as portas desta Casa, que exprime a vontade soberana do povo brasileiro, sempre que entra pelos portais o chefe de Estado de qualquer nação do mundo. Quando essa pátria é americana, natural é que seja mais vivo nosso interêsse uma vez que, na realidade, tôda a América é uma comunidade espiritual e a convenção geográfica das fronteiras não separa almas, apenas processos diversos de trabalho dentro da fatalidade acidental das economias diferenciadas.

A grande, culta e operosa Argentina é pátria irmã à qual "tudo nos une e nada nos separa". A velha fórmula de uma diplomacia sentimental feita de amor e de fraternidade torna-se tanto mais legítima quando hoje, num conceito de mundo mais cristão e mais largo, a humanidade passa a conceber tôda a atividade das criaturas de qualquer côr, de qualquer credo, de qualquer origem, como uma comum ação convergente



para a consecução de um único ideal; — um máximo de segurança, de liberdade e de dignidade para cada homem.

Duro vem sendo o caminho histórico dos vários povos para a redução dos resíduos antilibertários que entravam o generoso avanço das idéias. Dramáticas, mas heróicas, as vicissitudes das repúblicas americanas na sangrenta madrugada das suas liberdades. Neste hemisfério, porém, o substrato da sua democracia haurida do próprio mistério telúrico — terra virgem e homem livre e sem história — iluminou o idealismo de Bolívar, de San Martín, de Washington, de José Bonifácio, heróis puros, verbo e espadas a serviço das liberdades nacionais e não de imperialismos ou da cupidez da conquista.

Hoje, concebido o mundo como um mundo só, fraterno e proletário, a luta foi transferida da área física das fronteiras para o campo fluido dos ideais humanos, território espiritual neutro e ecumênico no qual se constrói uma nova política cujas leis, mais do que com as já inúteis armas que, por arquipotentes se anulam, deverão ser defendidas com as armas do espírito, às quais somente um profundo sentido de honra e de responsabilidade dará sanção e eficiência. E' por esse superideal que agora se batem os povos. Para alcançá-lo com plenitude talvez seja mister criar em nós mesmos uma super-humanidade que realize, em cada criatura, o homem-padrão de Kipling, varrendo de vez da política internacional a arcaica mentalidade que admitia, como finuras de estilo, as ardilosas astúcias

dos Tayllerand ou o cinismo dos Bethman Halweg, o que considerava “farrapos de papel” os juramentos nacionais dos tratados. Esse arquétipo de política ideal, que parecerá um devaneio de poeta, já o traçou Franklin Roosevelt ao proclamar, cheio de fé, entre os escombros dos monumentos e o estouro dos obuses — como Moisés entre a sarça ardente e os relâmpagos do Sinai — as novas Tábuas de Lei Moral que dão uma concepção aos direitos e à dignidade da personalidade humana. Esse critério já era fundamental na alma dos brasileiros, como o é dos nossos irmãos argentinos pois no fundo se resume à consolidação da política do Cristo, contida no seu mais humano e mais divino mandamento: — “Amai-vos uns aos outros”.

Não duvidamos que esse é o caminho da América. Por destino lhe foi traçado, quando, no ocaso dos impérios que agonizavam dentro das suas contradições e dos seus vícios, transplantavam para a terra virgem dos sertões ameríndios a velha cêpa do ocidente a renová-la e rejuvenescê-la nas liberdades tribais que inspirariam a Rousseau um novo sonho livre de comunidade. A democracia moderna nascia para o mundo culto da lição libertária e espontânea da América.

Voltais, Sr. Presidente Aramburu, com os demais chefes de Estado do continente, de mais uma peregrinação a essa hoje Meca errante que é o encontro das Nações livres para novas conversações e entendimentos. O local do majestático simpósio se desloca como a mostrar que hoje as fronteiras dos povos unidos são móveis e elas traçam seu risco ideal onde haja a reivindicar



um direito fundamental para a dignidade humana, seja na terra firme, seja na móbil onda marinha.

Desta vez foi escolhido o Panamá, que comemorava a Assembléia de Plenipotenciários dos Estados Americanos reunidos em 1826 por convocação do Libertador Simão Bolívar, como para rememorar ao mundo que a idéia hoje vitoriosa das Nações Unidas já era uma centenária tradição nesta parte do continente. Foi essa reunião mais uma reafirmação do desejo de fraterna convivência e mútua cooperação entre as nações da América e, além disso, mais um passo à frente para êsse ideal mais alto de confraternização de tôda a humanidade no generoso propósito expresso pelo item V da Declaração recém-assinada no Panamá, que pleiteia "para o mundo os benefícios de uma paz fundada na justiça e na liberdade, que permita a todos os povos, sem distinção de raça, trabalhar com honra e fé no futuro".

Esta é a verdadeira aspiração de tôda a humanidade. Para obtê-la, será mister de vez quebrar a violência dos imperialismos e a agressividade das ideologias, fôrças ambas ainda decorrentes da condição humana. Se nos nutrirmos de generosas palavras, é que sabemos que elas são imantadas pelo pensamento que exprimem e que agem como fôrça nas massas, criando nelas uma consciência de paz e de cooperação para felicidade do universo.

Se orgânicamente nosso objetivo mais imediato gira na coordenação dos interêsses recíprocos das nações pan-americanas, já tão interligadas por fatores histó-

ricos que o próprio Congresso de 1826, convocado por Bolívar, evidencia, o mundo de hoje, como bem o acentuou Wendell Wilkie, é "um mundo só", um sistema planetário de nações cujo ritmo no seu harmonioso movimento deve ser assegurado sob o risco de se quebrar todo o sistema no mais catastrófico dos cataclismos. Nenhuma nação pode ficar à margem dêsse sistema que sòmente funcionará com perfeição se se excluïrem das suas estruturas os regimes que não sejam de liberdade e de democracia. "Crêem os argentinos que o pan-americanismo é o resultado das condições democráticas americanas — disse V. Ex.<sup>a</sup> — da vocação para a liberdade, do amor à dignidade do homem, do exercício efetivo do respeito mútuo". A Argentina, na sua essência, sempre significou êsses nobilíssimos sentimentos. Terra de trabalhadores erguendo através das mais duras e gloriosas vicissitudes históricas nas suas férteis planícies um dos mais altos padrões de civilização da América, seu proletariado urbano e suas populações campesinas conseguiram atingir um alto nível de vida recorrendo a uma já notável técnica, mercê da qual dá ela ao mundo alguns dos seus mais importantes produtos essenciais. Sua cultura alteou índices exponenciais em todos os campos das ciências e das artes. Nossos dois povos já sentiram a influência recíproca dos seus pensadores e artistas. Familiares nos foram e nos são as figuras de Sarmiento, de Ameghino, de Ingenieros, tão populares na minha geração, como populares na Argentina eram Rui, Nabuco, Euclides, sem citar os poetas, concorrendo todos para



formar uma consciência americana e estreitar sempre mais os laços de compreensão e de amor entre argentinos e brasileiros.

Hoje não separaremos mais, Argentina e Brasil, para influir em conjunto nos destinos desta parte do continente pois, prova-o ainda agora a Convenção do Panamá, tôda a América é agora um sistema. Nem por isso, porém, nosso povo deixa de seguir com o maior carinho as vicissitudes da nação irmã à qual dedica a mais fraterna amizade.

Designado para ser intérprete desta Câmara e agradecer a visita de V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente Aramburu, colhemos a oportunidade para enviar às populações argentinas, às suas elites, ao seu proletariado, aos seus homens do campo, a segurança da nossa solidariedade e, à Argentina, como nação e como história, a nossa admiração e o nosso afeto.

## VILLA LOBOS

*Oração proferida em nome do govêrno da República, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ao se iniciarem as comemorações do setuagésimo aniversário do compositor Villa Lôbos.*

CERTOS momentos simbólicos têm a magia das transfigurações. Este teatro, todo ouro e luzes, e esta platéia fidalga e culta, transmudam-se, neste instante, na terra nossa e na nossa gente para que seja a própria pátria, chão e alma, do seu magistrado supremo ao homem anônimo e comum, quem celebre o rito desta noite: a glorificação de um artista que tornou inteligível a todos os povos a linguagem da alma do Brasil.

Escolheram, terra e raça, um instante supremo da sua plenitude vital — setuagésimo aniversário de tão gloriosa vida — para que dessa culminância do tempo descortinasse, na grandeza da própria obra, a grandeza do próprio país. E' que essa obra foi somando Brasil, tornando eterna e transcendente a paisagem e a maneira de sentir do nosso homem por essa força taumática que possui o artista de transformar a essência



das coisas e das criaturas numa linguagem ecumênica, comunicadora e eternizadora da alma do seu instante. Bach condensou os sonhos do seu mundo germânico místico e gótico. Beethoven eternizou em sonoridades o drama da sua hora barrôca e passional. Entre nós, Deus escalaria um predestinado para contar às gentes, com palavras de música, o surgimento de um novo mundo paisagístico e emocional, com o maior rio da terra serpeando no seu solo e com um povo colorido e cósmico carreando para um chão até ontem selvagem os prodígios da supercivilização, misturando a oca com o arranha-céu, o canto puro e virginal da uirapuru com o rascar metálico e os uivos saxofônicos do "jazz".

Se se oferece a um artista material tão rico e contrastante, tão fora dos ritmos de que se valeriam os Strawinskys e os Schostakowskys, mister fora que uma intuição iluminada compreendesse, dominasse e transfundisse em sínteses melódicas ou orquestrais êsse cinematográfico mundo, extraindo das suas graças e das suas contradições a essência de uma alma exprimindo, com linguagem nova, as surpresas fascinantes ou apocalípticas das suas paisagens.

Aí está, maestro Villa Lobos, — a missão de que Deus o incumbiu. Como um chefe militar a quem se confiou a realização de uma operação vital para a pátria, pode o artista perfilar-se diante desta platéia, que tem a delegação espiritual da Nação inteira e afirmar sereno mas convicto: "Missão cumprida!" E todos vemos, cercando sua frente, recordando o delírio de tantas platéias disseminadas pelas regiões mais impre-

vistas do mapa, revoarem, numa atmosfera de aplausos, entre o choque emocional dos ouvintes e a admiração erudita dos críticos, o claro vôo triunfal das suas sucessivas vitórias.

\* \* \*

O filho do destino que, em 1887, surgia do amor de dona Noêmia e do severo e culto prof. Raul Villa Lobos, carregava no sangue a riqueza racial de uma rica ancestralidade. A divinatória precocidade do gênio levava Curt Lang a notar, no menino, um artista que "compunha com a força irreprimível, a abundância e a ingenuidade de um Mozart". A infância e a adolescência do maestro, num clima livre de boêmia brasilidade — seresteiros, rapsodos de bairro, bandinhas de música, poetas de morro ou de circo, como o pitoresco Eduardo das Neves, o lírico Catulo — o impregnaram de uma alegria de viver pura e não sofisticada. O melhor Conservatório era essa rua, carregada de alma e de nossas cantigas e a teorba mágica do aedo, o violão — instrumento da raça. Depois dessa impregnação espontânea de autêntica brasilidade podia vir o rigor didático da regra, a matemática transcendental do contraponto, a informação erudita de Frascobaldi, de Purcell, de Bach. Isso ajudaria apenas a tornar universal e palpitante acervo do Brasil haurido por todos os poros pelo menino no maravilhamento dessa adolescência ciosa e definitivamente guardada no coração pelo artista. Êsse tesouro racial, colhido na rua, aí largado pelo sentimento e pelo modo de ser de um povo, seria a guarda



da sua originalidade contra a descaracterização das influências. Esse acervo patricio de música, que tinha seus ritmos próprios, seus timbres originais, suas estruturas típicas, podia violentar, com a revelação inédita de uma nova verdade acústica, a disciplina clássica mercê do direito de revolução e renovação que a humanidade confere aos gênios. Daí, não raro, uma crítica pouco advertida esquecer-se de que as audácias do compositor eram nutridas pela legitimidade de uma verdade nova e rica de seiva, que procurava sua voz nas solfas para alargar as áreas de invenção na música e revelar coisas e sentimentos ainda não expressados.

Ei-lo emplumado cavaleiro do pentacórdio, aos verdes anos, iniciando suas caminhadas pelo Brasil, captando o "pathos" de cada região, fascinado pela magia dos recantos mais defendidos, mais imersos no mistério telúrico, ainda assombrados pelos terríveis gênios da terra. Está no Espírito Santo, na Bahia, em Pernambuco, depois no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande, São Paulo. Cantor da Raça, quer ouvir todos os cânticos da raça. "Dança dos Índios Mestiços", "Suíte Brasileira", "Cânticos Sertanejos", "Danças Negras", preludiam a grande rapsódia que será, em suma, sua obra colossal. O Amazonas correrá pelo sangue sonoro do seu poema, os mitos, os pássaros, os abusões assombrarão como fantasmas acústicos, o "Jurupari", o "Uirapuru", o "Saci", o "Lobisomem", a "Iara"... Inquieto, sonda a alma do nosso homem, revela o oculto assobio do Jeca, o assobio que ele tem na alma e não nos nos lábios mudos; descobre, na nativa literatura

musical dessa gente esmagada pela grandeza e assustada pelo mistério de um universo mágico e virgem, resíduos da mesma estrutura contrapontística de Bach a adivinhar a unidade rítmica e melódica da própria alma humana. Tão transcendente descoberta abre o caminho das "Bachianas", simbiose da solene cristalização gótica da música com o romanesco imprevisto selvagem.

Já pode levar para o mundo o que colheu na pátria. Ele possui a revelação da palavra nova. Em 1923 está em Paris, ligado a seus dois numens musicais: Artur Rubstein e essa inesquecível Vera Janacopulus. Ai encontra seus pares Strawinsky, Darius Milhaud, Honegger, Schoenberg. São, com Strauss, Copland, Sibelius, Respighi, os contemporâneos senhores da música. "Uma nova luz se acende no tópo da Tórrre Eiffel", anuncia um crítico. O mundo hipercivilizado recebe, na Sala Gaveau, com "Rude Poema", as "Seres-tas", "Três poemas indígenas" o impacto rejuvenescedor de uma música moderna e diferente. São sempre os bárbaros que realizam o milagre fáustico de rejuvenescer a cética senectude do mundo. E' a consagração universal que começa. Villa Lobos passa a ser um cartaz.

\* \* \*

Ei-lo de novo no Brasil. Agora não é apenas o compositor. O inspirador de uma consciência musical coletiva surge no maestro. Ele sabe, como Platão, que há música viva ou dormente dentro de cada alma.



E' dever acordá-la. Sòmente êle opera a integral confraternização pois funde as criaturas através de uma linguagem despida de têrmos que ferem ou chocam. O verbo sonoro encanta e solidariza. O coral, mais que uma justaposição de vozes, é uma fusão de almas.

Em 1931, amparado por João Alberto, realiza, em São Paulo, com doze mil coristas, — estudantes, soldados, seminaristas, homens do povo — a “Exortação Cívica Villa Lobos”. E' um clarim vocal conclamando a união dos brasileiros. E' o gérmen de sua admirável concepção: “Orfeão dos professores”, organização que Anízio Teixeira oficialmente ampara. O brasileiro, que no dizer melancólico de Lobato, “nem sequer assobia”, degela a música que guarda na alma ao calor entusiástico do maestro, e desfaz-se em cânticos. Na praça pública, agitando a cabeleira na testa leonina, o maestro rege corais gigantescos. Villa Lobos realiza o prodígio: o Brasil canta! Cantam as crianças, cantam os jovens, cantam os adultos! E na euforia de um povo que toma a consciência de si mesmo, o imenso coral se ergue e sobem até às estrelas, cantadas por milhares e milhares de vozes, as eletrizantes estrofes do nosso Hino Nacional!

\* \* \*

Semeador de alegria, apóstolo da beleza, sacerdote da fraternidade, prega sempre o evangelho confraternizador da música. Seu apostolado não o fechou nas fronteiras nacionais. Desdobrou delas. No Congresso de Educação Musical de Praga, presentes vinte e uma

nações, ensinou a velhas nações o que, em música, inventara um país novo. Já seu nome ressoa vitorioso por todos os recantos da terra. Entre ovações, seu vulto se ergue dominando orquestras nos auditórios mais cultos do universo, como ensaiando a majestosa internacionalidade da própria estátua. E' membro honorário de quase tôdas as academias musicais do mundo; membro de júris de concursos internacionais; doutor em leis musicais por várias universidades famosas; professor honorário de academias e conservatórios e, nos momentos solenes de festa, pode constelar o peito com medalhas e crachás das ordens honoríficas as mais ambicionadas reverenciando, porém, acima de tôdas elas, a nossa Ordem do Mérito que lhe conferiu o govêrno do Brasil.

\* \* \*

Os anos que passam somam novos “opus” ao compositor e novas glórias ao artista. Em 1954 rege a famosíssima Orquestra de Philadelphia — o “Scala” dos operistas e o “Metropolitan” dos cantores — e faz com ela uma excursão executando composições suas. “Dinâmico brasileiro põe New York em polvorosa” — registra assustado um crítico. E' o furacão musical Villa Lobos que agita as fronteiras das florestas amazônicas, enche de pios e cântigos de índios o enervante estrugir de motores e os uivos alucinados do “rock-n-roll”. Compõe os “Poemas Sinfônicos”, a “Alvorada na Floresta Tropical”, “Rudá”. “A Electrical Musical Industries” grava as “Bachianas”, o “Choros”, as “Sinfonias”.



Disputados, admirados, queridos, seus discos inundam os mercados. O Prefeito de New York confere-lhe um diploma especial pelo seu setuagésimo aniversário. Em Paris, na "Cité Universitaire" organiza-se uma orquestra internacional só de alunos para homenageá-lo e executar obras do artista. "A Descoberta do Brasil", sua grandiosa criação sinfônica, gravada na Cidade Luz, é apresentada e comentada por Challey na Sorbonne. No Conservatório de Paris, as melhores discípulas de Aline Van Boratzen executam, em honra ao maestro, as duas famosas Suítes da Prole do Bebê". E' o mundo, no que tem de mais representativo na música que celebra a glória de um brasileiro.

\* \* \*

Assombroso trabalhador! Desnorteante criador! Seu desprezo pelo seu corpo — maltratado instrumento dócil e infatigável das suas andanças e vigílias — fez com que, na sua cabeça leonina e na sua fronte, como que alargada cada vez mais pela fôrça do seu talento, se refugiasse tôda sua vida e essa irradiação de mocidade incoercível que é a marca do seu milagre vital. A pressa com que corre as estradas do globo é uma ânsia de anúncio aos povos das suas novas invenções sonoras. "E' uma das raras personalidades criadoras da música universal dos nossos dias que têm alguma coisa a dizer", adverte Olin Dawnes. "E' um dos maiores músicos vivos de hoje", sentencia Stokowsky. E quando as platéias ouvem suas "Serenatas", seus "Choros", suas "Lendas", suas "Sinfonias" perguntam se Pan

— o próprio gênio da Terra — não ressuscitou soprando, na sua ávena, o pio de pássaros estranhos, coaxos partidos de pantanais onde se movem animais fabulosos, articulações guturais de monstros míticos, danças e cânticos de selvagens em ritos bárbaros, ingredientes acústicos desconcertantes e novos que o artista surpreendeu nos ocultos tesouros da nossa terra e na misteriosa alma de nossa gente. Assim, na Bacchiana nº 1 a fuga desdobra, na multiplicação contrapontada das suas vozes, não mais o timbre dos trombones, dos violinos, dos celos, dos contra-baixos, mas um clangor de borés, um estrugir de inúbias, um troar heróico de trocanos, um tutucar de maracás! Não é mais o Bach místico das arcadas góticas das catedrais onde o órgão sobe por uma escada de planos musicais até o celeste ádito dos Querubins e dos Tronos mas o tripúdio de caciques e pagés, surpresas de vida bárbara e nascente que quer romper as ogivas da floresta sufocante e verde, para levar o clamor da terra ao esplendor claro e livre das estrêlas.

\* \* \*

"Sumé, pátria patrium". Criação última de um gênio ainda em ascensão. Escalada incessante para o mais alto. Sagração da música à mística da pátria, integração consciente e profunda da voz oculta da terra e do homem às transcendent finalidades de um país e de um povo que se transmudam em nação Aos setenta anos o gênio se apura e se transfigura e sua voz não é mais apenas harmonia, lirismo, beleza: é



profecia e adivinhação. São os poemas e as sinfonias que concretizam e eternizam as pátrias transubstanciadas em beleza: a "Paixão Segundo S. Mateus", "Tristão e Isolda", "Odisséia", "Divina Comédia", "Lusiadas" "Heróica", "Messias", "Sumé, patria patrium"... Transfiguração!

Maestro Villa Lobos, diga comigo:

— Eu te agradeço, ó Deus, por ter-me feito nascer brasileiro.

É que êle ofertou ao seu gênio esta terra e êste povo. A riqueza temperamental da raça que para êste chão, até há pouco virgem, carregou a saudade do luso, o banzo do negro e a nudez de alma do índio e, depois, as cantigas de tôdas as raças. Deu um material acústico de riqueza incomparável, de colorido fascinante, marcado por inéditos ritmos. Rasgou diante dos seus olhos ao madruguar sua consciência, na Guanabara nativa, a mais bela paisagem marinha. Semeou sua imaginação de gigante — a Urca, o Pão de Açúcar, o Dedo de Deus, o Corcovado, a Gávea — êsse tesouro de montanhas que nutriu seu estro da monumentalidade dos seus poemas sinfônicos. Ofertou a boêmia dos nossos artistas, a bondade do nosso homem, a variedade babélica das criaturas, do ultracivilizado urbano sofisticado e versátil, ao homem virginal, limpo de alma, grudado aos seus manitós, aos seus deuses telúricos, aos seus mítos, às suas danças.

Não ofereceu à paisagem cansada de um mundo já farto dos próprios ritmos, exasperado pela estéril cristalização da sua inventiva e pela exaustão das suas

fontes. Deu ao compositor o Brasil, terra môça e ainda não de todo devastada, a contar surpresas e segredos, terra paradoxal e linda, feita estranhamente de mistério e de sol!

Agradece a Deus, Villa Lobos, por ter nascido brasileiro. Agradece-O, como nós lhe agradecemos por ter **ÊLE** entregue tão sublime dádiva a quem, penetrando no seu profundo sentido e divulgando sua grandeza e beleza, leva por tôda parte, tão alto, a glória lírica do Brasil!



## A BIOGRAFIA

*Recepção do acadêmico Luiz Viana em sessão solene da Academia Brasileira de Letras.*

**E**STOU adivinhando que duas razões — além da minha admiração velha e proclamada — fizeram com que meus pares me escalassem para recebê-lo no pórtico da Academia: uma fatalizada afinidade — nosso gosto pela política — e nossa confraternização revoltada e libertária nos dias frustrados e épicos de 1932.

A primeira das razões, nesta casa presidida pelos numes angélicos do amor gratuito e sem jaça pelas coisas do espírito, talvez não milite muito em nosso favor. A política, tal qual geralmente se processa no Brasil, vem, não raro, de toga tisonada por um debrum saturnino: a passagem fatal pela zona passional dos tumultuosos comícios onde, hoje, a demagogia ombreia, não raro, com a audácia e a improvisação. A sua “cândida”, porém, não traz nódoa. Seu amor à política foi vocação, como o meu foi curiosidade artística e, depois, consciente aceitação de um dever. E tão genuíno era esse amor no seu temperamento, que a obra literária,



transformada em aldraba de ouro com que bateu à nossa porta, é, no autor de *A Sabinada*, eminentemente política. RUI e NABUCO, objetos das suas pesquisas biográficas, foram do que nossa política teve de mais santo. Pode o acadêmico LUÍS VIANA FILHO ir sentar-se calmamente numa dessas poltronas, pois sôbre ela adejarão as sombras de RIO BRANCO, RUI, NABUCO, LAURO MÜLLER, JOÃO LUIS ALVES, GETÚLIO, JOSÉ BONIFÁCIO, o *Môço*, seu patrono, e outras criaturas excepcionais que puderam ser, sincrônica, sem perder substância, grandes políticos e grandes escritores.

No fundo todo verdadeiro escritor é, de certa forma, um político. Não trarei à baila o caso específico de Dante — o vate supremo — uma vez que o divino guelfo, por político, acabou exilado, tais fêz êle na flor-de-lisada Florença. A política da inteligência, vestida sempre de roupagem literária, melhor socializa a idéia e sempre vem tocada de um alto ideal construtivo. Poder-se-ia até escrever um tratado sôbre a poesia da política, pois, sendo ela, no seu mais alto sentido, a arte de governar os povos, sua finalidade suprema é atingir a harmonia e a paz sociais, dois ingredientes eminentemente poéticos. Tão poéticos e tão ideais que só existem, realmente, na imaginação dos estadistas-poetas, como Roosevelt, como Churchill, capazes de galvanizar as nações citando um verso no justo instante em que se decide a sorte da humanidade.

Êsse conceito de política, que é o seu, Sr. LUÍS VIANA FILHO, o absolve da preferência aqui tão corajosamente há pouco confessada. Antes da poltrona aca-

dêmica almejou sua vocação uma cadeira do Parlamento. Desejou-a com tanto ardor que, em 1934, eleito deputado federal, levou com seu diploma tal juventude para o Congresso que foi logo proclamado o Benjamim da Câmara. Êsse conceito de política e seu ímpeto de môço propiciaram a segunda razão que justifica ser eu quem lhe fale: nosso encontro nas trincheiras de 32, na mais lírica das arrancadas revolucionárias. Nessa hora, a Bahia culta e a mocidade impávida da terra de CASTRO ALVES ergueram o grito tradicional “pola ley” e acordaram junto das suas igrejas barrôcas, cheias de imagens tão pitorescas, os ecos das vozes do Poeta. sonoros do sentido de liberdade. O desafio bandeirante à perpetuação da ditadura encontrou o môço inconformado na ala dos que se entrincheiraram na Faculdade baiana, legítimo reduto dos que se batiam pela ordem constitucional na hora em que se apagavam as luzes da lei. Da intensa vibração espiritual dêsses instantes épicos, em que São Paulo de RUI via a seu flanco a Bahia de PEDRO DE TOLEDO — S. Paulo do “civilismo” e a Bahia “constitucionalista” — Alcântara Machado, o que tinha sua mesa de trabalho “como o leito de Ulisses”, prêsá por seculares raízes à terra-berço, deu, nesta sala, em memorável discurso, o clima heróico e a indomada bravura. Nossa vitória, obtendo a Constituinte, foi precária. Em S. Paulo formou-se a “Frente Única”. Na Bahia, ao lado de Prado Valadares, Nestor Duarte, Aloísio de Carvalho, Eugênio Gomes, Inocêncio Calmon, Gilberto Valente, Lafayette Pondé, José Silveira, Miguel Calmon e João Mendes, o novo acadêmico perfilhava



o “Manifesto da Liga da Ação Social e Política” e, dentro de uma programática orgânica mas idealista, pisava o tablado dos comícios de toga cândida, porque limpos eram seus processos e alvíssimos seus ideais.

Pôde, Sr. LUÍS VIANA FILHO, neste nobre exercício de sinceridade que é um discurso acadêmico, orgulhar-se do seu pendor para a política porque, como a exerce, tem ela a grandeza aristotélica de ser um nobre pensamento em ação, todo voltado para o bem da comunidade. Todo escritor é, por destino, um político: o romancista, que faz pesquisa humana na estrutura social; o ensaísta, que analisa e debate os problemas; o crítico, que passa pelo crivo da sua cultura o esforço da criação alheia no intuito de identificar os valores, ensejando sua catalogada disponibilidade para melhor ilustração e orientação da comunidade e o poeta, — *l’homme qui refait le monde* — supremo político, porque surpreende o pensamento no seu núcleo germinal, puro e incontaminado, como assinala Novalis, sem vê-lo enquadrado nas categorias dos filósofos, nem transformado em material específico para a formação de uma ciência. O poeta — vêde Dante, Hölderlin, Goethe — é um político que descobre até as normas que regem o céu e o inferno... Sua intuição adivinha e revela a conduta dos homens oferecendo, assim, tôda a essência de que carecem os legisladores. E’ Egéria inspirando Numa. E’ Homero iluminando Péricles.

Hoje, ilustre acadêmico, mais do que nunca precisa a política dos pensadores e escritores para renutri-la de essência e de beleza. Essa palavra vai-se descobrindo

de tal forma no estorricado “deserto de idéias” que alguns dos seus profissionais rasgaram numa área da vida nacional, que os dicionários honestos a registrarão talvez, apenas como um jôgo astuto de rasteiras ou como uma estratégia meramente eleitoral, na qual a audácia precisa ser fartamente acolitada pelo dinheiro.

Precisamos, na política e na administração, mais do que da inflação de leis com que se trava a expansão do país, de um largo pensamento capaz de dar sentido racional e lógico à própria estrutura do Estado. Precisamos, mais do que de homens carismáticos ou demagogos, de espíritos orgânicos semeando idéias, idéias como as semeavam Tavares Bastos, Alberto Tôrres, Nabuco, Rui, Euclides, Calógeras, Oliveira Viana, Roberto Simonsen. E’ que uma revolução se processa no mundo e, entre nós, um corpo emaranhado de leis, como fios de um casulo onde jaz uma larva morta, defende um pensamento arcaico e traça a arquitetura estatal de um edifício constitucional superado, senão em parte obsoleto. Resumimos os problemas nacionais ao parto dramático e periódico do homem destinado ao supremo comando, do qual, dada nossa absurda e absorvente centralização, emanarão tôdas as graças e todos os benesses. Raciocina-se, pois, em função antropomórfica: que jeito terá o homem? E êstes oito milhões e meio de quilômetros quadrados, ricos de tôdas as riquezas, povoados por um povo que, pelas suas origens titânicas e pela mescla poligenética plasmou a maravilha da “raça cósmica”, jazem dormentes e quase ilegislados, como se um Caopora telúrico trancasse as suas riquezas



e seu absurdo emaranhado de leis, que não funcionam, arrochasse o corpo hercúleo da nação como os múltiplos cordéis dos liliputianos amarravam o corpo do gigante Gulliver.

Se a política nos assusta, senhor acadêmico, ela é, ainda, para o nosso desespero, uma suprema esperança. A nação ainda tudo espera dela. E' que a concebemos como a conceberam nossos pares: arte de governar os povos para sempre atualizar-lhes os processos de vida e promover a felicidade das comunidades humanas. Ouvi alguns dos seus discursos na tribuna da Câmara, Sr. LUÍS VIANA FILHO. Louvei o Senhor por tê-lo fatalizado à política. Falava o doutrinador expondo, com arte, um pensamento orgânico. Preocupava-o o problema dos nossos partidos. E, quando aqui declarou que o demônio da política o tentou primeiro, resolvi, desde logo, pleitear junto dos meus pares indulgência e perdão para tão temerário neófito. Era, ao lado de um brilhante pugilo de seus companheiros, um "político de idéias". E como as expunha com arte, fácil era identificar no político o escritor. E é a êste que recebemos.

\* \* \*

Que escritor? Um biógrafo!

Aqui começam meus temores. Causam-me certa apreensão os biógrafos... Basta dizer que, em vida, já meus canhestros biógrafos atribuem a dois Estados e a três cidades a vulgaridade de ter sido meu berço: São Paulo, Pouso Alegre e Itapira... Sinto ter nascido apenas na primeira delas, em São Paulo, a maravilhosa

megalópolis quadricentenária, porque o mundo não assistiu ainda ao milagre de alguém ter nascido, simultaneamente, em três localidades... Vê, Sr. LUIS VIANA FILHO, o que pode acontecer à gente? Há mais: há uns tempo, meu cunhado Sr. João Queirós Assunção Filho, — que é meu biógrafo doméstico — na minha presença com uma convicção que me comovia e me obrigava a não contrariá-lo, contou a uma roda de jornalistas como eu escrevera as *Máscaras*. "Em Santos, no antigo Miramar, num carnaval orgiástico, inebriado de champanha e de éter, na presença carnal de uma fascinante Colombina..." Pois foi em São Paulo, num hotel da Rua Líbero Badaró, sozinho no quarto, sem beber uma gota de álcool, meses depois da Semana Santa!

Estas duas experiências me inquietaram com relação aos Plutarcos, Suetônios, Boswells, Stracheys, Vasaris, Mejerowskys, Ludwigs, até meu admirado Pedro Calmon, que me ofertou o mais vivo e bizarro perfil de Pedro I.

Um biógrafo pode ser um indivíduo mágico. Com uns fragmentos de lápide do templo de Al-Ubaid, umas tradições quase míticas da gente sumeriana e algumas hipóteses, é capaz de retratar o chefe da primeira dinastia de Ur, como Cuvier, de um osso fossilizado, reconstruía a estrutura de um brontossáurio.. Há uma anedota em que um filho com muita ternura e pouco miolo pediu a um pintor que lhe fizesse um retrato do pai falecido. "Tem fotografia dêle"? "Não". "Algum desenho"? "Não". E deu ao pintor notícias somáticas do progenitor morto: bigode grande e prêto, testa curta,



nariz rombudo. Feita a pintura com tais ingredientes, o filho, ao ver a obra, quase desfaleceu decepcionado: "Oh! o meu pobre pai como está mudado!..

Não se assuste, acadêmico LUIS VIANA FILHO: eu já deparei com vários Napoleões "muito mudados!" Uns épicos, de perfil de águia em vôo desferido, como no quadro de David, todos resplandcentes de sonho e de glória. Outros, vulpinos e calculistas, esgueirando-se pela política entre Tayllerand serviçal e escorregadio e Fouché tratante e policial, a arrastar uma descaimada fome de poder, tendo aos calcanhares a matilha da família esfomeada. Qual, dentro dessas centenas de corpos fatídicos vivendo na carne biográfica das palavras, é o pálido cadete de Brienne, o conspirador vitorioso do 18 Brumário e o estrategista genial de Marengo? Quer mais? O meu Lincoln era o lenhador longo, magro e atlético, estranho morcêgo funéreo flabelando as abas da sobrecasaca desalinhada, limpo e reto de alma, soturno e introvertido de espírito. O amor o tornara romântico e pusera lágrimas que estriavam as chanfras da máscara talhada em ângulos como estalattites pingando em anfractuosidades de rochas. Estóico na dor, hábil no govêrno, assistia, impávido, o drama do seu povo, integrado no ideal de lavar na terra a mancha das discriminações raciais. Pois sabe como manipulou, com ingredientes prosaicos, êsse mesmo Lincoln um seu recente colega, o popularíssimo Dale Carnegie? Um cidadão pouco asseado e displicente, infelicitado por uma espôsa ciumenta, neurótica e negociasta, renteando pela inépcia no govêrno, vencendo pela

surprêsa de um acaso a parada política e ganhando a guerra mais pela testarudez que pela genialidade.

Que me dirá de tais contrastes o autor de *A Vida de Joaquim Nabuco*? Já sei. Na sua magnífica *A Verdade na Biografia* responde, com cauta antecipação, a esta fatal objurgatória que aguarda todos os biógrafos, senhores da arte quase divina de recriar as criaturas. fazer das cinzas das suas memórias carne e nervos, ação e espírito, para nos dar como nos deu, por exemplo, Maurois, o fidalgo judeu ítalo-britânico, Disraeli, vivo e gracioso, desesperando Gladstone com sua malícia política e encantando a grande Rainha com um madrigal ou uma rosa. Que linda coisa: um criador de império arrulhando versos... Seria isso ou seria, num disfarce de poeta, um voraz imperialista falando em cifras e arquitetando, à sombra da esquadra inglesa, expedições predatórias? Na vossa mão, ó biógrafos, está o poder de fazer-nos ridículos ou grandes! A nossa ressurreição espetral está na fôrça da vossa simpatia e na esperança da vossa integridade ou na autenticidade dos testemunhos e dos documentos, porque biografia é apenas história. E o que é história, essa memória congelada no tempo, senão um admitir que "sim" de alguma coisa que pode ser substancialmente "não"? Lembra-se daquela fina sátira de Daudet — o enciumado inimigo das Academias — ao ironizar o infeliz "imortal" Astier-Rehu, fazendo-o revolucionar a história da França baseado, cândidamente, em textos e pergaminhos gatafunhados por um refinado falsário? História pode ser "história", no pessimismo bem humorado do povo. O sêlo da sua



autenticidade depende de mil circunstâncias. Homero funde o humano com o divino e a realidade às vezes se esfuma em mito, na fuga surrealista de uma transferência de planos. Nesses mitos — nódulos de complexos sociais ou, como quer Mircea Eliade, “modo de ser no mundo” — vai, não raro, o biógrafo destacar o herói, compor-lhe a vida, como as dêesses reis fabulosos, Menelau, Édipo, Numa Pompílio, cuja essência é um hibridismo paradoxal de humano e social porque, como mitos, são criaturas que incorporaram, na sua essência, seu drama pessoal e o espírito do seu tempo transformado em alegoria.

Estou dizendo isto, acadêmico LUIS VIANA FILHO, para lembrar que a sua arte específica, a biografia, pede o que sua cultura e honestidade lhe têm dado: prudência na escolha do material e imparcialidade no expor. Nunca me esqueço, quando penso na história — pois biografia não é mais que a história de uma vida e a história, no conceito carlyliano, uma seqüência de biografias — do cético e indulgente Anatole France nas páginas maliciosas da “Île des pingüins”, nas quais uma hetaira se transforma em santa e se sagra, nos altares, como Santa Orberose, somente porque as partes mais ondulantes do seu corpo eram famosas por terem a graça móvel das ondas e a côr cálida das rosas.

Entre nós que se tem feito do nosso Tiradentes? E Calabar, Judas cívico ou herói frustrado, manipulado ao gosto das preferências passionais ou políticas, ora acusado da sórdida felonía de quem trai o próprio berço, ora redimido na sua defeccão por se lhe atribuir o

sonho de um futuro diferente para seu país, isento das humilhações da servidão reinol? Como pode o biógrafo fixar “a verdade” do biografado, problema tão árduo e complexo que lhe custou um livro? Sòmente “Deus todo poderoso”, no dizer de Whitman, produz, com sua divina criação, a verdade de uma criatura, porque a verdade é uma essência e a visão humana dessa verdade, uma vidência, portanto, um espelhismo.

Como vimos, cinemático nas suas transformações corporais e psíquicas é o modelo do biógrafo; cinemática a evolução mental e temperamental do indivíduo exposta ao meio social, também êste cinemático. Conclusão: o biógrafo é um caçador que desfere seu tiro em ave em pleno vôo, fundido seu vulto na bruma, tão instável, tão múltipla e, por isso mesmo, tão infixa a personalidade à qual procura dar a constante de um retrato. Pode atirar numa pomba e acertar num marreco. Na realidade uma alma é um ponto de vista. RUI, o seu RUI, Sr. LUIS VIANA FILHO — é um constante problema no tempo. Do ângulo de um clima social em que se coloque o biógrafo depende ser êle o arquiteto liberal de nossa democracia ou, pela prematuridade dos seus esquemas, um desfigurador perigoso, porque sedutor, das nossas agrestes realidades.

Qual é a personagem que sai autêntica e imutável de uma biografia? Sòmente as criaturas ideais. Na verdade — e Pirandello tinha razão — realidade integral é apenas a “personagem” no puro sentido da criação literária. Aliás tais personagens, quando vivas da vida que o consenso unânime lhes dá, são as únicas defini-



tivamente reais, porque infungíveis no seu atrito com o tempo. A personagem literária é o “ente de razão” kantiano, vivendo sua inamolgável existência de arquétipo, ubíqua e universalmente presente, íntegra na carne da sua estrutura somática imaginada, carregada eternamente da mesma carga anímica. Não flutua como homem ao vento das opiniões e das necessidades, o qual será fatalmente inúmero e irrepresável para seus biógrafos, portanto parcela ou instante de si mesmo, mas não seu todo vibrátil. O personagem porém não muda. Não oferece ângulos na sua estática de criação intemporal, não atingida pelo fluxo e refluxo das opiniões, não violada na sua imortal contextura pelo desgaste implacável do tempo. Essa biografia, a do “personagem”, é a única que pode oferecer, com segurança, o selo da autenticidade. Exemplo: *D. Quixote de la Mancha*...

Lá vai o cavaleiro andante pelos caminhos do mundo oferecendo resgate à honra ultrajada, punindo vilões, abatendo gigantes. Lá vai no seu magro corcel de guerra, comovido e errante espectro do universal anseio de beleza e de justiça. Traz por celada um pedaço de papelão no morrião cômico de azinhavre. As pernas balouçam ao longo das costelas do rocim lastimável. Todo êle é integridade e sonho. Os homens de todos os tempos se fixarão no seu vulto mais vivo e presente que o de César, que o de Zenóbia, que o de Gengis Khan, porque êle pertence a tôdas as pátrias, ou melhor, porque êle não é herói nacional, mas apenas o herói humano. Nenhum documento modificará uma só vírgula

da sua verdade. Nenhuma polêmica porá em dúvida seu berço, sua filiação, sua formação, suas andanças. Essa biografia, que Cervantes traçou, não sofrerá contestações, nem encontrará um crítico para retificá-la...

Aí está, Sr. LUIS VIANA FILHO, onde quis chegar. Isso para sua defesa e não para libelo da sua profissão literária. Quis registrar quão difícil é ser exato e fiel no sofrido esforço de reconstruir uma vida. Aliás isso ficou bem claro na sua esplêndida *A Verdade na Biografia*. Esse livro — entre nós o mais completo ensaio no gênero — também serve para colaborar na sua biografia. Livro polêmico, réplica vibrante aos reparos de HOMERO PIRES à sua *Vida de Rui Barbosa*, mostra como sua aparência pacífica e doce eriça-se de vibrante combatividade quando provocada ou ferida. Estou a crer que os instantes de sagrada cólera que lampejaram nesse livro lhe ofertaram — e ofertaram às letras nacionais — a oportunidade melhor para resplandecer seu espírito na plenitude da sua cultura e na vibração do seu estilo. Todo o problema da biografia ali é exposto. Dêle ressalta a honestidade com que sua arte procura reconstruir a vida das personalidades que escolhe, “buscando transmitir, com a máxima exatidão possível, a descrição de uma vida e a fisionomia de alguém”. Os seus “alguéns” foram Rui e Nabuco.

\* \* \*

RUI e NABUCO. Era fatal que fôssem os tipos da sua predileção. Políticos, escritores. O baiano “cabeça de mapa-múndi” contendo a erudição de cinco conti-



entes”, na humorada alegoria de um poema, e o fino fidalgo senhor de engenho, que somava à graça do corpo os requisitos do espírito. O proletário aristocratizado pela genialidade e o fidalgo proletarizado pelo coração. Este, o reformador; aquêle, o revolucionário. A Abolição e o federalismo. O inglês e o americano. O “ontem” tão nobre e exato na sua histórica lógica imperial e o “amanhã” tumultuário, à procura de novas cambiantes surpresas de uma chucra liberdade ora licença, ora ditadura, dentro do temporão enigma da República.

Nessas suas duas obras fundamentais, em que um estilo mais próximo de Tácito que de Suetônio vai recortando, em páginas sóbrias, mas ricas de informação e de observação, os perfis dos dois grandes brasileiros, realiza-se a plenitude da sua vocação literária para a biografia. Tais livros sagram-no mestre no gênero.

Em 1941 publicava *A Vida de Rui Barbosa*. A boa lógica determinaria que, antes, escrevesse a vida de Nabuco, mas esta nasceu do seu ensaio *Rui e Nabuco*, história de uma recíproca admiração que se sedimentou em nobre amizade. Reivindico a ordem cronológica por sentir que êsses dois homens excepcionais encarnaram duas épocas e foram os divisores de dois ciclos históricos. O gênio e o patriotismo de ambos elidiram o choque, nuançando a transferência dos valores imperiais para as inovações da República. Na essência, por um paradoxo, era esta a reação contra a generosa concepção literária do império, que morria ao dar à luz um dos nossos mais belos instantes históricos: a Aboli-

ção, portanto, a inauguração, no Brasil, da plenitude da liberdade. Aliás, Nabuco, mais do que ninguém, sentia sua fatalização de propiciador dos novos tempos, afirmando que “o político perfeito é o que foi conservador e foi liberal, porque assim se formam a moderação e o progresso das idéias. . . Não se alcança a verdadeira posição senão vendo os dois lados das coisas”.

De um lado estava êle, fiel ao seu mundo em ocaso, sem melancolia porque, no fundo do coração, partilhava da alvorada das liberdades em que o novo regime alvorecia. Sua aristocrática figura vive nas páginas com que lhe retraça o roteiro da nobre vida, Sr. LUIS VIANA FILHO. Lá está o diplomata apolíneo, mais artista que político, traçando o retrato do seu ideal nesse largo painel sentimental, histórico e político, que é a obra-prima que nos legou, “Um Estadista do Império”, Nabuco é uma inteligência ocidental embebida na alta cultura inglesa, vivendo a civilizada concepção artificial do império nessa ilha cultural litorânea do seu mundo doméstico e político, tão distante da realidade telúrica, das fórmulas ainda silvestres e larvares da cultura do “hinterland”. Estas esfervilhavam nos confusos ideais democráticos, que se exprimiam por convulsivos paradoxos, ora cristalizando-se na República como forma punitiva à revolução econômica produzida pela Abolição, ora levantando, em Canudos, a sombra vingadora e absurdamente monarquista de Antônio Conselheiro, libelo das populações largadas ao seu triste fadário por êsse mesmo império do qual a ignorância fanática era saudosista, império que vivia extrovertido, fiel à sua



feiticeiros tecendo, cá em baixo, as mandingas eleitorais, com os ingredientes realistas da ignorância nacional, da nossa imaturidade política, da ambição dos sobas, da astúcia dos cabos. Nessa altura, dois mundos traçaram a dicotomia social da nossa gente, com dois líderes a identificar cada metade: PINHEIRO MACHADO e RUI. A terra e o céu. O pragmatismo orgânico e a fuga rumo das estrélas...

A biografia, porém, é sua, não é minha, acadêmico LUIS VIANA FILHO. Eu, ao narrá-la, a vou desnaturando com impressões pessoais, o que prova o que provei antes, ou melhor, o que ambos provamos, eu no início desta oração e o novel acadêmico na sua *A Verdade na Biografia*: tôda biografia é um ponto de vista... Seus pontos de vista procuram honestamente rentear a verdade e nos dar as personagens o mais perto das suas próprias vidas.

\* \* \*

Não são, porém, somente o biógrafo e o político, que integram sua personalidade, senhor acadêmico. O jurista "in-herba", de 1925, pisando os umbrais da Faculdade de Direito da Bahia, seria o advogado militante a partir de 29, depois, em 34, o professor de Direito Internacional Público, para, afinal, em 40, tornar-se o mestre na cátedra de Direito Internacional Privado da Faculdade que o diplomou. Jornalista, iniciando a carreira ao lado de Aloísio de Carvalho Filho, Hermes Lima, Clemente Mariani, Sodrê Viana, no "Diário de Bahia", passa para "A Tarde" levado por Aliomar Baleeiro, onde o político soma-se ao polemista. Polígrafo,

nos dá, no setor da história, *A Sabinada*, depois *A Língua no Brasil* e *O Negro na Bahia*, obra que GILBERTO FREYRE, com entusiasmo, prefacia e consagra. Este trabalho, fundamental para os que estudam a formação social brasileira, rasga uma clareira na picada aberta por NINA RODRIGUES e perlustrada por OLIVEIRA VIANA, ROQUETE PINTO, ARTUR RAMOS, GILBERTO FREYRE e outros. A influência do negro na formação nacional decorre da verdade que ali proclama: "Todos nós, mesmos os que não têm nenhuma ascendência negra, trazemos na alma um pouco de prêto". Proclama em prosa o que há tempo eu disse em verso: "Trago na alma os fetiches de um macumbeiro mongongo..." Essa gôta de noite trouxe à alma do branco um debrum de céu noturno povoado de pesadelos e de estrélas... O enriquecimento de uma vasta zona da nossa alma feita de inconformismo, superstição, inquietude, ingredientes que excitam a imaginação e os ritmos típicos e motivos selvagens e originais da nossa música, tão evidentes em VILLA LOBOS, CAMARGO GUARNIERI, LOURENÇO FERNANDES, no alto nível das grandes sinfonias, trazem a marca do negro escravo, da sua música ritual, da sua angústia e do seu banzo. Neste ensaio, a obra do sociólogo e de investigador é cheia de amor. LUIS VIANA FILHO presta com ela justiça ao negro e se aprofunda no estudo de um dos mais fascinantes problemas humanos no Brasil.

\* \* \*

Homem de tão inúmera ação e tão múltiplo saber vem continuar, nesta casa, a tradição de um político,



sofre sínopes com a morte: continua no que toma a tocha do que tomba. O que é eterno nas Academias é a luminosa substância do seu sonho. Aqui está, acadêmico LUIS VIANA FILHO, o ponto alto dêste rito de iniciação: a senha sábia da precariedade. Aqui todos penetram na compreensão exata do fungível e adivinham que somente a continuidade é, realmente, imortalidade. A herança espiritual de MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA passa para as suas mãos. Não é seu patrimônio científico que lhe oferece em guarda, mas aquela cota de imortalidade que êle trazia na alma, legado de outras criaturas que êle amou e admirou e que conceberam a vida como tuidade espiritual e êsse perpétuo anseio de beleza são o clima da Academia. Agora, acadêmico LUIS VIANA FILHO, pode integrar-se na sua imortalidade.

## ITÁLIA E BRASIL

*Discurso pronunciado na Universidade de São Paulo saudando o Presidente da República italiana, Giovanni Gronchi, em nome da Academia Paulista de Letras.*

COM as cruces das caravelas e as articulações da língua que serviu para assegurar a unidade do espírito e do território da Pátria, atravessado o mar que, antes, o genovês Colombo singrara ao descobrir esta parte do mundo do qual, outro italiano, Americo Vespucci, seria padrinho, o heróico luso trouxe nossa destinação latina e a palavra ecumênica de Roma, pátria universal da cristandade.

O nexó que une nosso povo ao vosso foi assim chancelado na radiosa alvorada da descoberta e o direito que iria normar nossas comunidades — e que aqui tem nosso mais vetusto templo — era, em última essência, aquêle com que César iluminava o império para que os homens deixassem a condição de horda dignificados e defendidos pelo *Corpus Juris*.

Todos os contatos das nações latinas com a Itália são de ternura quase filial e, mais que uma cortesia,



representam momentos de orgulho nacional por mostrar, cada pátria nova, o que somou de civilização e de cultura ao acervo que historicamente lhes legou o foco irradiador da latinidade.

Presidente Gronchi: o Brasil, estou certo, é das nações neolatinas das que mais alto podem alçar esse orgulho.

Tomastes contato com nosso impressionante gigantismo: geográfica e demograficamente somos a maior nação latina do universo. Observastes, porém, estou certo, coisa mais bela: a realização da democracia em toda a sua plenitude. Cumpre o Brasil o mandamento do Cristo nesse milagre de amor que é a fraterna fusão de todas as raças, elididos os preconceitos de cor, de credo e de origem.

Ímã internacional polarizando criaturas de todos os quadrantes do universo, não apenas pelo fascínio da terra senão mais pelo coração do homem, foi vossa pátria — da qual descendo — a que no corpo nacional transfundiu maior quota de sangue. Aqui, no colapso da economia imperial provocado pela abolição que desertara os cafezais, souo no sítio o imigrante peninsular dentro, porém, daquela alegria de criar que é no italiano como o sal do mundo. Trazia imanente na alma o potencial histórico de uma cultura que havia, no passado, desbarbarizado o universo conhecido e que, ao findar a noite medieval, deslumbrado os espíritos atônitos com aquela fulguração de gênios que foi a Renascença.

Pontilham essa cultura vários momentos decisivos para o pensamento e o progresso humanos. A cátedra de Pedro eterniza o espiritual com a presença terrestre do Cristo; os juristas de Justiniano inspiram a regra da conduta dos povos; Dante torna divina a palavra do homem; Galileu dá às pesquisas a precisão positiva da ciência; Vico estabelece a organicidade da história; Macchiavelli funda a ciência política; Beccaria e Lombroso humanizam a defesa social e, na contemporaneidade, Marconi domina o céu hertziano com as telecomunicações, enquanto Fermi inscreve seu gênio especulativo no pórtico da era atômica.

Não falei, porém, da vossa arte. É justamente com referência às vossas artes e às vossas letras que, por meu intermédio, a Academia Paulista de Letras vos entregará a mensagem que tenho em mãos.

\* \* \*

Enumerei, em síntese, a contribuição da Itália marcando pontos cardeais do progresso técnico e científico do universo porque, mercê de um conceito já irrevogável, confunde-se o italiano com o artista. De fato: êle é o homem sonoro. Já seu idioma é música. É extroversão e euforia. Euforia da beleza haurida na sua paisagem, na grandeza épica da sua história e ofertada ao mundo em realizações artísticas e plásticas. Era natural que na Itália nascesse Guido d'Arezzo.

Nesse setor das letras e das artes venera vossa pátria dois numes — Dante e Michelangelo — píncaros



nunca atingidos pelo alpinismo dos gênios. O que “uniu o céu à terra”, na frase de Claudel, e fundiu história, teogonia e ciência em poesia angélica, marcou com o sêlo da intemporalidade seu poema. É vivo e novo em tôdas as idades. É o estatuário que, mais que esculpir, libertou do mármore formas aprisionadas, emulou, na sua criação, com aquêle mesmo Jeová, cuja tremenda presença fixou na Capela Sixtina, como a mostrar onde aprendeu o prodígio demiúrgico de criar tão vivas suas marmóreas criaturas.

Citamos apenas os corifeus, pois o friso dos gênios recorta centenas de iluminados. Na contemporaneidade, Benedetto Croce renova a lição de De Sanctis e Pirandello, com seu mágico diabolismo, extroverte, no proscênio, a alma dos homens e, como notou Sacha Guitry, repete a façanha de Shakespeare revolucionando o teatro.

Presidente Gronchi: quis a Academia Paulista de Letras que fôsse eu quem vos entregasse sua mensagem. A ternura para com a Itália se justifica em nós, pela admiração que todos os povos da terra têm pela Itália imortal, alma do Lacio, na qual Roma eterna continua a ser a capital espiritual de tôda a cristandade”.

## ÍNDICE

Pátria e Bandeira .....	3
Marília e Dirceu .....	13
Argentina e Brasil .....	21
Villa Lobos .....	27
A Biografia .....	39
Itália e Brasil .....	61